



8º Encontro Internacional de Política Social 15º Encontro Nacional de Política Social

**Tema: Questão social, violência e segurança pública:
desafios e perspectivas**

Vitória (ES, Brasil), 16 a 19 de novembro de 2020

Eixo: Mundo do Trabalho.

Enfrentamento das expressões da questão social e precarização do trabalho

Jade Penalva Nascimento Skroch¹

O presente trabalho pretende, através de uma breve retomada da gênese do Serviço Social, elencar alguns dos elementos que explicam a trajetória do Serviço Social diante das transformações societárias do capitalismo. Busca-se analisar, por meio de relatos de uma visita técnica à Secretaria de Cidadania e Direitos Humanos (Semcid), em Vitória (ES), as precarizações que a categoria profissional tem sofrido no seu processo de trabalho frente ao enfrentamento das expressões da questão social.

O trabalho começa retomando à gênese da categoria trabalho, apresentando-a como atividade fundamental e inerente ao ser humano, por meio da qual o mesmo se reconhece como ser social. Possuindo este uma dimensão teleológica, consegue fazer uma leitura mais precisa da realidade, apesar de não deter todos os meios necessários para a efetivação do seu trabalho, tendo em vista que, sendo um profissional assalariado, vende sua força de trabalho e depende de recursos e projetos previstos pela instituição em que se insere. Tal capacidade de leitura se demonstra importante à medida que, sendo o trabalhador um assistente social, o mesmo trabalha com as políticas sociais, que se constituem como respostas às expressões da questão social e provocam essa necessidade de uma leitura mais precisa da realidade na sua atuação profissional.

Analisando a categoria trabalho com a crise capitalista, pode-se notar que ocorreram muitas transformações no mundo do trabalho, impulsionando, desta forma, o salto tecnológico e colaborando no surgimento da automação e da robótica. Esse salto provocou uma corrida contra o tempo e uma produção em série, o padrão taylorismo-fordismo, que, logo mais, foi substituído pela flexibilização da produção. Essa substituição contribuiu para a desregulamentação dos direitos trabalhistas, tendo como consequência o desemprego e a exploração do trabalho, sendo essa confundida como uma cooperação, como se o trabalhador fizesse parte de uma “família”. Com isso, nota-se uma diminuição da classe operária em contraposição à expansão do trabalho assalariado, incorporando as mulheres e expandindo o trabalho temporário e precário, com o objetivo de “empregar cada vez mais uma força de

¹ Graduanda em Serviço Social na Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: jadepenalva@hotmail.com.

trabalho que entra facilmente e é demitida sem custos”, como classificou Harvey (1992, p. 144). Paralelo a isso, houve uma alteração na qualidade do trabalho devido à substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto, apesar dessa ideia não se adequar à economia capitalista, pois robôs não consomem e nem recebem salário.

Acumulando os problemas da crise capitalista, tem-se a precarização do trabalho vista como uma estratégia neoliberal, impactando na condição de trabalho dos assistentes sociais e sendo contrária à Lei 8.662/93, que regulamenta a profissão de Serviço Social e requer as condições mínimas e adequadas para que o trabalho seja realizado. Porém, atualmente, percebe-se que as condições para a atuação profissional estão distantes dos padrões mínimos necessários. Encontra-se dificuldades na falta de estrutura e de equipamentos, na equipe profissional reduzida, na burocracia, no excesso de demanda profissional em contrapartida ao baixo financiamento e no desconhecimento das atribuições do assistente social por outros profissionais.

Com a visita técnica à Secretaria de Cidadania e Direitos Humanos (Semcid), em Vitória (ES), pôde-se analisar e compreender o processo de trabalho do assistente social no âmbito de gestão de promoções de políticas de Cidadania e Direitos Humanos, pelo relato do gerente de Direitos Humanos, Fabiano Soares, e também no âmbito do Centro de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência (CRAMSV), pelo relato da assistente social, Fernanda Vieira. É possível notar a precarização do trabalho por meio da contratação de trabalhadores por concursos públicos, pois a maioria dos processos seletivos são para cargos temporários, o que prejudica a execução de algumas atividades, tendo em vista a necessidade de instruir o trabalhador recém-chegado do processo de trabalho. Nota-se também que a equipe, devido aos cortes e negligência do governo, é diminuída ao longo dos anos em contraposição à alta demanda de trabalho.

A partir das considerações levantadas nesse trabalho sobre a gênese da categoria trabalho e a precarização do trabalho dos assistentes sociais frente às transformações societárias do capital, percebe-se os desafios que o assistente social enfrenta no seu cotidiano profissional, relacionados à falta de reconhecimento da profissão, precárias condições de trabalho e baixo financiamento, não respondendo aos padrões mínimos necessários. Com isso, é imprescindível compreender que a profissão está inserida nas contradições da sociedade capitalista e a importância de o assistente social reconhecer-se como classe na luta contra a precarização da formação e do exercício profissional.